

SERGIO RODRIGUES, ZANINE CALDAS, LOJA BRANCO&PRETO E LINA BO BARDI

arquitetos/designers/ fabricantes: As relações projetuais entre Arquitetura e o design e as características de seus móveis

Bruno Dias¹

Resumo

O presente artigo aborda o trabalho de profissionais, que permearam entre o desenvolvimento de projetos de arquitetura e de mobiliário e o acompanhamento de sua produção. Estuda-se, de forma conjunta, ambos os projetos, operando com a hipótese de que existem relações entre as soluções adotadas na arquitetura e no mobiliário elaborados pelo mesmo profissional, aborda-se também a forma com que se trabalha com a matéria-prima e as técnicas construtivas.

O objetivo geral é demonstrar soluções projetuais adotadas por profissionais, que foram atuantes no campo da arquitetura e do design de móveis e que acompanhavam o processo fabril do mobiliário, comprovando assim conhecimento sobre a matéria-prima e os seus sistemas construtivos. Após pesquisa exploratória, optou-se em abordar os projetos do arquiteto Sergio Rodrigues, Zanine Caldas, arquitetos da loja: Branco&Preto (Jacob Ruchti, Miguel Forte, Plínio Croce, Roberto Aflalo e Carlos Millan) e o trabalho da arquiteta Lina Bo Bardi. É possível perceber, nas obras desses profissionais, evidências de relações da arquitetura com o mobiliário e o claro conhecimento técnico dos materiais e das técnicas construtivas, utilizadas nos projetos dos móveis.

Palavras-chave

Arquitetura moderna. Design. Mobiliário.

¹ É professor universitário, ministrando disciplinas na área projetual. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (2013) pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGAU/UPM), desenvolve projetos de mobiliário e de gestão. Em 2017 completa quinze anos de atuação no círculo moveleiro.

Introdução

Quando se fala de profissionais, que atuaram no desenvolvimento da arquitetura e do design de mobiliário e de sua produção, não se pode deixar de evidenciar a experiência da escola Bauhaus (1919-1933), da qual saíram nomes de grande produção e que projetavam nas diferentes escalas, que se tornaram referência, graças à qualidade dos projetos desenvolvidos pelos seus alunos e professores, os quais elaboravam desde planos urbanísticos até utensílios de cozinha, devendo-se destacar no campo do design, que muitos de seus móveis continuam sendo produzidas até hoje.

Nas casas projetadas entre 1940 e 1960, nos Estados Unidos, é possível ver inovações funcionais, técnicas e formais, com certo regionalismo. Basicamente, havia na Califórnia, o programa de Case Study Houses, patrocinado pela revista *Arts & Architecture*, em que nomes importantes da arquitetura da época, como Richard Neutra, Charles Eames e Eero Saarinen, realizaram experimentos e protótipos de residências com custo mais acessível, motivados a suprir a demanda surgida após a guerra. Entre eles, Eames e Saarinen obtiveram grande destaque no desenvolvimento de projetos de móveis, nos quais se percebem aproximações formais entre as obras de arquitetura e as de mobiliário. (TOUCEDA, 2005)

Os profissionais, em destaque no presente artigo, desenvolveram projetos de mobiliário, e de alguma forma acompanhavam o processo de fabricação, porém não se desligaram dos projetos de arquitetura, nos quais continuaram atuando de forma intensa. Além dos móveis, que entraram em produção comercial, estes profissionais elaboraram projetos exclusivos para algumas de suas obras de arquitetura. Sendo assim, trabalha-se com a hipótese de que esses profissionais elaboravam seus projetos de mobiliário com a mesma linguagem estética adotada na arquitetura, de forma que se propiciava a integração de ambos. Os móveis com uma linguagem moderna na sua grande maioria utilizavam uma gama de madeiras como cabreúva, pau ferro, jacarandá e outros elementos como: palhinha, compensado, laminado melamínico, entre outros materiais, que eram recorrentes na arquitetura como a estrutura tubular.

No Brasil, grande parte da produção de mobiliário e de arquitetura é artesanal, mas os processos e as técnicas estão se perdendo, ao longo dos anos, principalmente, no setor moveleiro, por alguns fatores como a falta de mão-de-obra qualificada e a ausência do legado para as novas gerações acerca desse conhecimento, especialmente, acerca de encaixes, padrões de acabamento e materiais regionais, que impregnam características

próprias tanto ao móvel quanto à arquitetura, além da falta de pesquisas aprofundadas sobre o assunto.

O presente artigo pretende contribuir com a apresentação de projetos de design desenvolvidos por profissionais que além de terem atuado no campo da arquitetura trabalharam no desenvolvimento de projetos de mobiliário, se pretende observar possíveis relações entre o projeto de interiores e o arquitetônico, verificando a hipótese de que os arquitetos elaboravam projetos de móveis, adotando a mesma linguagem projetual utilizada na arquitetura. Importante salientar que o mobiliário é um produto representante da modernidade arquitetônica e as residências são, certamente, a tipologia por excelência. Identificam-se diferenças entre o cenário arquitetônico e do design das décadas de 1950 a 1970 e o que é hoje vivenciado pelo mercado de mobiliário, no Brasil, no qual grande parte dos móveis e da arquitetura se apresenta desenvolvida por profissionais com formações distintas. Porém, na atualidade, apesar da disseminação do curso de desenho de produto há, ainda, arquitetos desenvolvendo mobiliário para produção comercial e para os interiores de projetos de arquitetura.

O móvel pensado com a arquitetura

O uso da madeira é marca registrada da produção no país devido à diversidade de espécies encontradas no Brasil e das técnicas artesanais já utilizadas pelos indígenas para confecção de utensílios, que facilitam o desenvolvimento das atividades cotidianas houve, posteriormente, uma influência portuguesa, principalmente, do ponto de vista construtivo e estético, também dos escravos. No final do século XIX, com a vinda de imigrantes italianos, espanhóis e alemães, todas essas influências contribuíram para que os móveis desenvolvidos no Brasil apresentassem características próprias, sejam estas estéticas ou construtivas devido à diversidade cultural, que tornou a produção de mobiliário e de construções, em madeira, um campo extremamente amplo e complexo, porém muito pouco estudado. São notadas as influências na arquitetura deixadas por Le Corbusier, em sua estada em 1936, em relação ao método, à preocupação com os problemas formais e à valorização dos elementos locais. (BRUAND, 1999). O móvel pensado de forma a ser produzido, em escala comercial, pode ser notado no Brasil em projetos como da *Cama Patente*, de autoria de Martínez Carrera, e na concepção do beliche executado pela empresa Hobjeto, que tinha como idealizadores: Geraldo de Barros e Antonio Bioni, nomes importantes na produção de mobiliário entre as décadas de 50 e 70 e ambos os projetos vislumbravam atingir as grandes massas.

Ao analisar os projetos de desenvolvidos na década de 1950/1970 se observa a construção de um número considerável de obras voltadas para residências burguesas, com a predominância de grandes planos de vidro, que possibilitavam a interligação do interior da residência aos jardins da parte externa. Ressaltam-se as influências desses conceitos no projeto do móvel através do desenvolvimento de peças que, além de possuírem a tridimensionalidade na sua composição formal, não encostavam seu volume principal no chão e nem no teto, no caso das estantes, a grande maioria também não possuía fundo. Além disso, trabalhava-se com as texturas dos materiais e com a predominância da madeira. A necessidade de conceber e executar móveis, que se integrassem e expressassem os novos ideais arquitetônicos, coincidiu com a disseminação dos novos conceitos de produção da arquitetura moderna.

Esse fenômeno, de certo modo, serviu para impulsionar os arquitetos a elaborarem projetos de móveis, que pudessem adequar-se e articular-se à nova arquitetura. Existem questões que dificultam a industrialização da construção no Brasil, como a mão de obra sem qualificação, que se vê obrigada a receber baixos salários, favorecendo a construção de habitações com métodos construtivos sem a necessidade de mão-de-obra qualificada. Em contrapartida, os sistemas industrializados necessitam de mão-de-obra especializada, conseqüentemente, o custo se torna mais elevado. (BRUNA, 1984)

Entre 1949 e 1953, o baiano Zanine Caldas concebeu itens de mobiliário para a loja de móveis Z, com um design pensado a fim de viabilizar um móvel com design moderno para um número maior de pessoas, por meio do uso de placas industrializadas de compensado, que eram fixados com parafusos, que ficavam aparentes. Como exemplo, deve-se ressaltar a escassez de encaixes, em grande parte das peças e a sobreposição estilizada do material laminado, formando explicitamente as letras “S” ou “Z”. Antonio Bioni, que foi sócio da fábrica de móveis Hobjeto, relata que Zanine tinha um desenho fantástico. (DIAS, 2013)

Pode-se ver no desenho, a seguir, a linguagem dos móveis desenhados por Zanine nesse período.

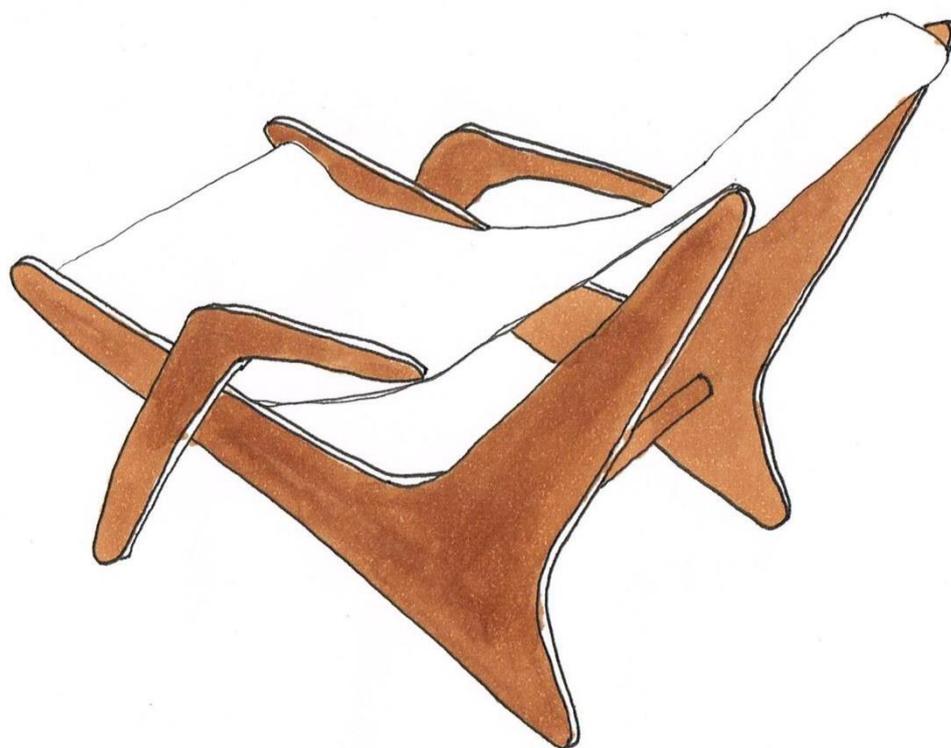


Figura 1 – Desenho Poltrona projetada por Zanine Caldas na década de cinquenta
Fonte: Desenho elaborado pelo autor

Zanine Caldas, além de produzir arquitetura, trabalhou criando maquetes para arquitetos, como Oscar Niemeyer, Rino Levi, David Libeskind e Lucio Costa. Nota-se, em seu trabalho, uma forte preocupação formal. Segundo Lawson (2011), as questões formais podem ser definidas por meio da articulação e da incorporação de uma coerência projetual entre todos os elementos, que fazem parte do projeto, ou seja, desde a própria edificação até os espaços de interiores e seus móveis.

No início da década de 60, Zanine Caldas inicia como docente na Universidade de Brasília (UnB). Em seguida, começou a se dedicar ao desenvolvimento de projetos de uma arquitetura com predominância da madeira maciça. Tanto é que, na década de 80, funda o Centro de Desenvolvimento da Aplicação da Madeira, voltado para pesquisa das madeiras brasileiras no Sul da Bahia. Observa-se, em suas obras, uma grande preocupação com a iluminação natural, ventilação cruzada, a utilização de matéria-prima renovável e o respeito à topografia do terreno. (SILVA, 1989)

A tecnologia e a prática foram responsáveis pela diminuição do custo de produção dos móveis e, com isso, aumentando a possibilidade de se atingir um número maior de pessoas. O seu destaque no desenvolvimento da arquitetura pode ser observado em obras com predominância da madeira, a grande maioria instalada em encostas e marcada pelos desafios estruturais, os quais eram superados através do seu claro conhecimento técnico sobre a matéria-prima.

Reforçam-se outras questões que, na época, não eram valorizadas, mas atualmente são chamadas de construções sustentáveis: sendo uma grande preocupação com a iluminação natural, ventilação cruzada, a utilização de matéria-prima renovável e o respeito à topografia do terreno.

A seguir temos o desenho da varanda da Pousada Pedra Azul projetada por Zanine, em 1985, no Estado do Espírito Santo, em que se percebe o desenho do banco inserido como componente da arquitetura.

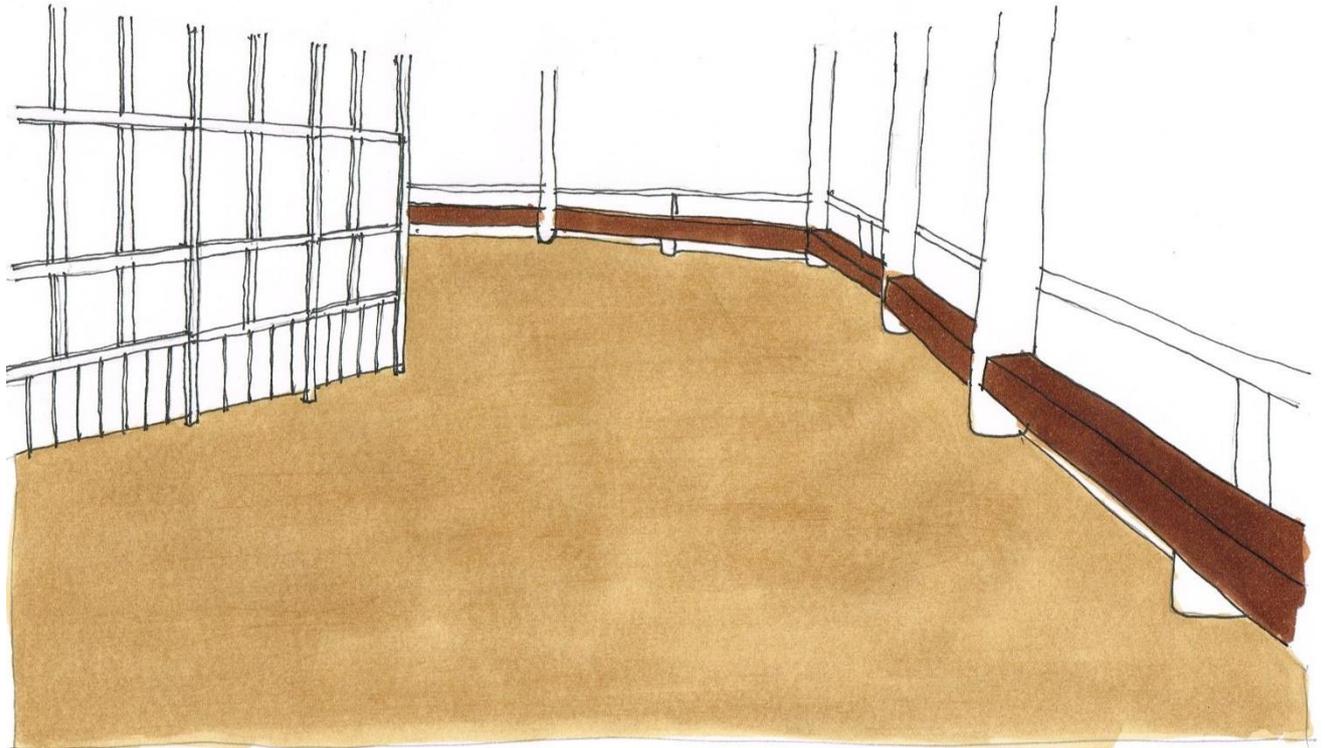


Figura 2– Desenho varanda com banco Pousada Pedra Azul
Fonte: Desenho elaborado pelo autor

O arquiteto Sérgio Rodrigues (1927-2014) foi uma figura com grande produção no campo da arquitetura em madeira e nos projetos de mobiliário. Formado, em 1952, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolveu projetos que iam desde estantes, mesas e cômodas, até casas de madeira. Já na construção em madeira, criou um sistema construtivo próprio, que ganhou o nome SR2. Este profissional teve enorme contribuição no campo da arquitetura, de 1960 a 1965, em que foram feitos em uma série de projetos, que utilizaram o seu sistema pré-fabricado (SANTOS, 2000). É notável que as casas tinham como matéria-prima predominante a madeira e eram concebidas na mesma fábrica dos móveis, o que demonstra que havia relações entre os projetos de arquitetura e de mobiliário. No caso, por meio da matéria-prima e do processo e das técnicas construtivas.

Tem-se a seguir o desenho da estrutura da cobertura da Casa do Cineasta 2006 e da cadeira Dix 2001, na qual se pode perceber a adoção do sistema de espiga em ambos os projetos.



Figura 3 - Desenho poltrona Dix 2001/ Fonte: Desenho elaborado pelo autor

Figura 4 - Desenho estrutura Casa do Cineasta 2006 / Fonte: Desenho elaborado pelo autor

Figura 5 - Desenho encaixe tipo espiga / Fonte: Desenho desenvolvido pelo autor

Na década de 1950, a necessidade de conceber e executar móveis que se correspondessem aos ideais arquitetônicos de então coincidiu com a disseminação dos novos conceitos de produção da arquitetura moderna. Nesse contexto, com o objetivo de propiciar uma unidade expressiva à arquitetura e ao mobiliário moderno podemos destacar os sócios da loja Branco & Preto Miguel Forte, Jacob Ruchti, Plínio Croce, Roberto Aflalo e Carlos Millan, além do chinês I Chen Hwa, o único membro do grupo que se formou fora da escola Mackenzie (formado na Pensilvânia). O grupo teve grande participação nos projetos de arquitetura, em especial a paulistana, além de contribuir, por meio de uma atuação significativa no campo do *design*, para suprir a dificuldade de mobiliar os espaços da arquitetura moderna, inclusive aqueles por eles produzidos. O *design* do mobiliário da loja Branco&Preto prescrevia como material-chave madeiras como jacarandá-da-bahia, caviúna, cabreúva e pau-marfim, a utilização de estofamento com os desenhos de estamparia criados pelo grupo, além de materiais como mármore,

vidro e ferro, agregando ao desenho do mobiliário materialidade e espacialidade arquitetônicas.

Os projetos dos móveis ficaram marcados por uma produção artesanal de extrema qualidade e os projetos de interiores desenvolvidos pelo grupo na grande maioria das vezes mesclavam o uso de peças especiais com os móveis que integravam o catálogo da loja.

Os móveis da loja Branco&Preto eram pensados dentro das técnicas e processos da marcenaria tradicional para itens como sofá, poltrona, cadeira, mesa, buffet, escrivaninha etc. Eram também desenvolvidas peças especiais, como estantes e móveis de apoio, com o emprego das características peculiares da loja relativas ao tipo de madeira, aos sistemas construtivos e aos tecidos. Tais peças eram nomeadas de acordo com as iniciais dos seus criadores. Os móveis em geral eram esmiuçados, explorando as características naturais da aparência, estrutura e durabilidade do material. O objetivo era a concepção de móveis e o desenvolvimento de projetos de interiores adequados com a linguagem moderna da arquitetura proposta, incluindo indicações de tecidos, tapetes e luminárias, o que consistia em São Paulo em uma ideia original. Inicialmente, a Branco & Preto se instalou na Avenida Vieira de Carvalho e chegou a ter, nos anos de 1960, uma filial na Rua Augusta. Em 1944, Galiano Ciampaglia, Jacob Ruchti e Miguel Forte desenvolveram em São Paulo um projeto para prédios de apartamentos na Avenida Rebouças. O projeto para a sede do IAB, de 1948, foi desenvolvido por uma equipe formada por Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar, Zenon Lotufo, Abelardo de Souza, Hélio Duarte, Galiano Ciampaglia, Jacob Ruchti e Miguel Forte. O edifício era composto por um subsolo, o térreo com pé direito alto, o mezanino e seis andares para escritórios. Em 1949, Plínio Croce desenvolveu o projeto de um edifício para escritórios na Rua 7 de Abril e, em 1960, outro edifício de escritórios, esse em Campinas, para abrigar o Banco Hipotecário Lar Brasileiro. Ainda, no mesmo ano, Plínio Croce e Roberto Aflalo executaram um conjunto habitacional composto por 128 casas, sendo este um projeto, cujos elementos marcantes são a adaptação à topografia e as lajes planas. Também, em 1953, Plínio Croce, Roberto Aflalo em parceria com o arquiteto Salvador Candia elaboraram o projeto do Edifício João Ramalho, em São Paulo, que ganhou o primeiro prêmio internacional na categoria habitação coletiva na IV Bienal de São Paulo, ficando nítido com as informações apresentadas que os arquitetos sócios da loja eram extremamente ativos no campo da arquitetura. (ACAYABA, 1994)

Temos como característica marcante peças de mobiliário que se integravam à arquitetura, diferentemente do processo recorrente atualmente, principalmente com móveis planejados havia a preocupação de se desenvolver projetos de móveis especiais ou seja feita sobre medida para o espaço que eram mesclados com peças já existentes no catálogo da loja e, assim, esse mobiliário especial se tornava um elemento de articulação. A consolidação da arquitetura moderna entre nós propiciou uma adequação e uma sintonia entre o mobiliário, seu processo de concepção e execução, e as características arquitetônicas, entre as quais a planta livre e a fluidez espacial (ARGAN,1997), e a utilização da mobiliário com desenho marcado pela tridimensionalidade facilitando a montagem do layout, móveis sendo utilizados como meio para a divisão dos ambientes e sua setorização, por exemplo, reforçando princípios da arquitetura moderna. Os móveis da loja Branco&Preto compunham os espaços de interiores de diversos projetos de arquitetura, em especial a residencial paulistana, muitos desses projetos elaborados pelos próprios membros da loja ou por outros nomes de destaque como Rodolfo Ortenblad, Galiano Ciampaglia, Rino Levi e Oswaldo Arthur Bratke, entre outros.

Podemos observar que o móvel não era pensado como produto isolado e sim como um componente integrante da arquitetura.

A Branco&Preto era sofisticação, era para atender cliente exclusivo, não era móvel de produção em série. O móvel muito bem feito, o desenho finíssimo, a qualidade era ótima. Marcenaria de alta qualidade com um desenho também muito bom (Antonio Bioni², Depoimento ao autor, 6/10/2012).

O projeto do mobiliário da loja Branco&Preto tem peculiaridades, uma delas é que, quando utilizavam o ferro, na maioria das vezes era tubular. Normalmente, as mesas tinham um requadro sempre meia-esquadria, nada de perpendicular. Eles não trabalhavam com laminado melamínico no topo dos móveis porque na junção da superfície com a espessura aparecia a linha preta do laminado, então usavam o requadro que possibilita um melhor acabamento. Quando se utilizava compensado para o tampo, adotava-se o folheado. O bom desenho, com elementos como o requadro a 45° adotado para dar melhor acabamento às mesas, se tornou a marca dos móveis produzidos pelo grupo. Eram móveis com uma fabricação extremamente artesanal, o que os transformava em produtos com custo elevado, porém de exímia qualidade.

²Antonio Bioni, marceneiro, foi um dos sócios de Geraldo de Barros na empresa Unilabor.

Quando um tinha uma ideia para fazer um móvel eles se reuniam, de preferência os seis, para ver se valia a pena continuar. Detalhavam até o produto final ou, se não, encostavam. Aquele móvel recebia o nome do criador, com suas iniciais. Os móveis em geral eram esmiuçados, iam ao detalhe total, explorando as características naturais da aparência, estruturas, durabilidade da madeira, dos tecidos, enfim, de tudo o que iria intervir naquele móvel em questão, e dos móveis em geral. Porque essa era a intenção deles. Então eles exploravam ao máximo o material a ser empregado (Romeu Castro de Souza³, Depoimento ao autor, 09/10/2012).

Em 1952, o arquiteto Oswaldo Bratke foi convidado pelo amigo Oscar Americano para construir a residência da família no bairro do Morumbi e os móveis dos interiores foram projetados pela loja Branco&Preto. Percebe-se, no desenho da estante da sala de estar que assim como o banco vindo ao encontro dessa transparência com peças, que não encostam ao chão, as estantes não se estendem até o teto, o desenho dos móveis é marcado por linhas ortogonais, mantendo assim uma coerência projetual entre arquitetura dentro de uma linguagem moderna proposta e a composição do espaço de interiores e o desenho dos móveis. A residência, hoje, é ocupada pela Fundação Maria Luiza e Oscar Americano.



³Romeu Castro de Souza, arquiteto, trabalhou na loja Branco&Preto.

Figura 6 – Desenho estante e banco residência Maria Luísa e Oscar Americano
Fonte: Desenho elaborado pelo autor

A seguir se tem o desenho da Poltrona R3 projetada pelo arquiteto Jacob Ruchti, em 1952, para demonstrar algumas características dos móveis desenhados pelo grupo da Branco&Preto, como o volume principal suspenso do chão já destacado e uma estrutura com similaridades aos dimensionamentos de arquitetura e o conhecimento das técnicas tradicionais de marcenaria como o sistema de espigas e de talisca. A sociedade de seis pessoas durou pouco – Jacob, Chen e Plínio saíram logo no início. A loja passou a pertencer apenas a Miguel Forte, Roberto Aflalo e Carlos Millan, e se desfez em 1970, devido principalmente ao grande volume de trabalho dos escritórios de arquitetura que os sócios possuíam em paralelo. (ACAYABA,1994)

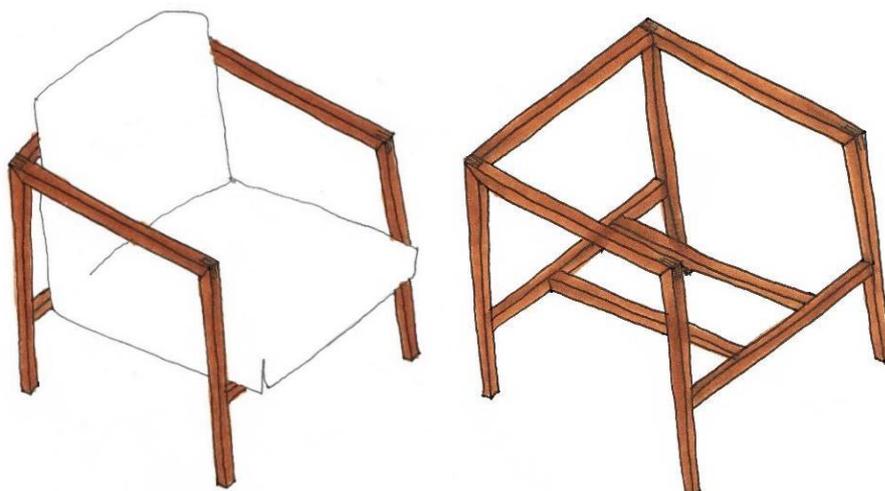


Figura 7 – Poltrona R3
Fonte: Desenhos elaborados pelo autor



Figura 8 – Desenho espiga/ sistema de talisca utilizados na Poltrona R3
Fonte: Desenhos elaborados pelo autor

A arquiteta Lina Bo Bardi criou a revista *Habitat*, em 1950, juntamente com seu marido, Pietro Maria Bardi. Personalidade importante na produção arquitetônica e também permeou no campo da produção de móveis no Brasil. Nascida na cidade de Roma (Itália), em 1914, e formada em 1939 pela Faculdade de Arquitetura de Roma, ela chegou ao Brasil em 1946, e aqui desenvolveu projetos arquitetônicos emblemáticos, como o MASP (1958) e o Sesc Pompeia (1990).

Lina, seu marido e seu amigo Giancarlo Piretti criaram o Studio d'Arte Palma (1948), que funcionou durante dois anos, porém não teve muito sucesso, pois apesar do desenho adequado à nova arquitetura, o principal material usado nos móveis, assim como os móveis Z era o compensado, diferente do tipo de madeira utilizada até então, o que gerou certa estranheza, em um público acostumado com outro tipo de mobiliário, feito de madeira maciça e grande parte marcada pelo rebuscamento.

Com Palanti, Lina fundou também a Pau-Brasil, buscando desenvolver um móvel de maior qualidade. A empresa foi depois transferida para os irmãos Hauner, em 1951, que mudaram o nome da empresa para Móveis Patente.

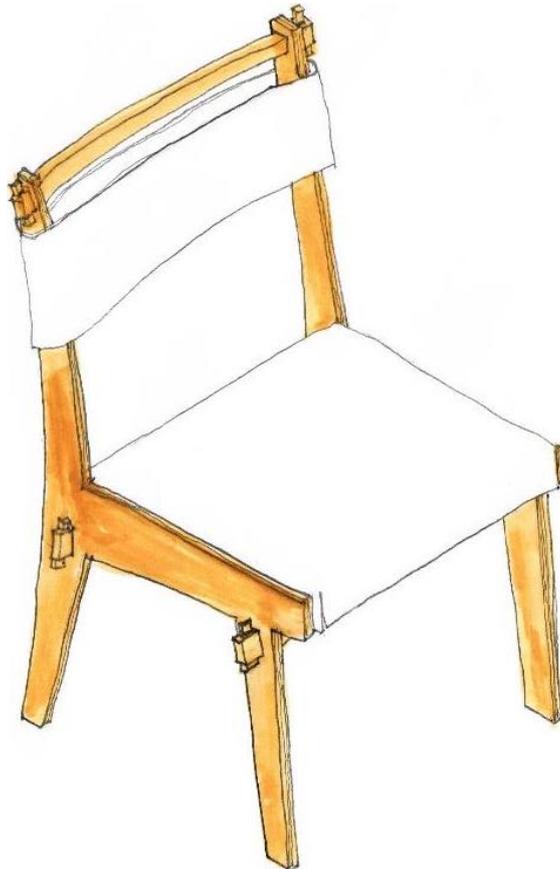


Figura 9 – Cadeira de compensado
Fonte: Desenhos elaborados pelo autor



Figura 10 – Cadeira Masp 7 de abril
Fonte: Desenhos elaborados pelo autor

Lina viajou pelo Brasil e isso também influencia em suas propostas de arquitetura e design, conforme pode ser visto na cadeira Beira de estrada.



Figura 11 – Desenho cadeira Beira de estrada
Fonte: Desenho elaborado pelo autor

A seguir, temos um desenho da fachada da Casa de Vidro, e o desenho de sua cama projetada em 1951, pela arquiteta Lina Bo Bardi, originalmente, feita para sua residência e que hoje é ocupada pela fundação que leva o seu nome e o de seu marido, Pietro Maria Bardi, pode-se observar alguns indícios que sustentam a hipótese central do trabalho, que é a relação direta entre o desenho da arquitetura e do mobiliário com móveis tubulares, com acabamento similar ao empregado na estrutura da casa propriamente.

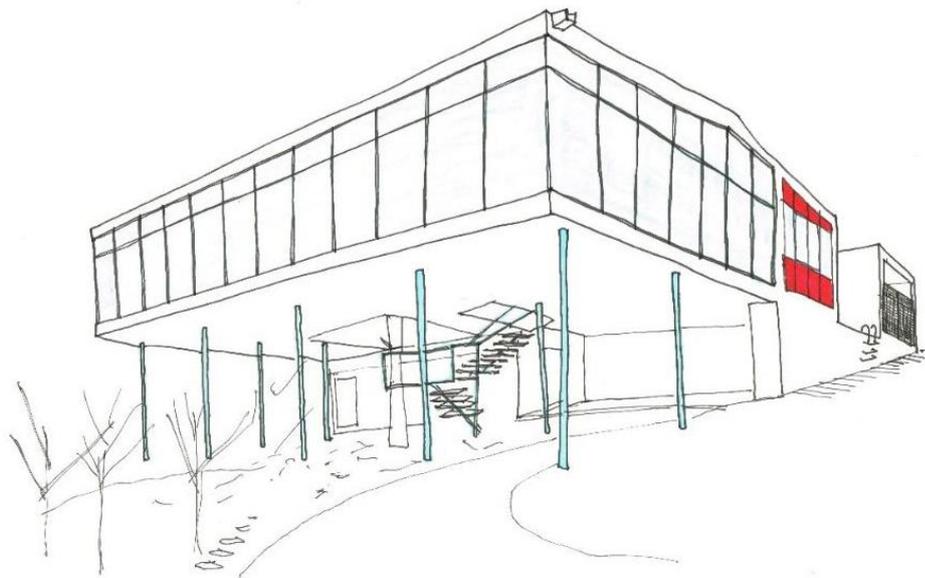


Figura 12 – Desenho Casa de vidro
Fonte: Desenho elaborado pelo autor

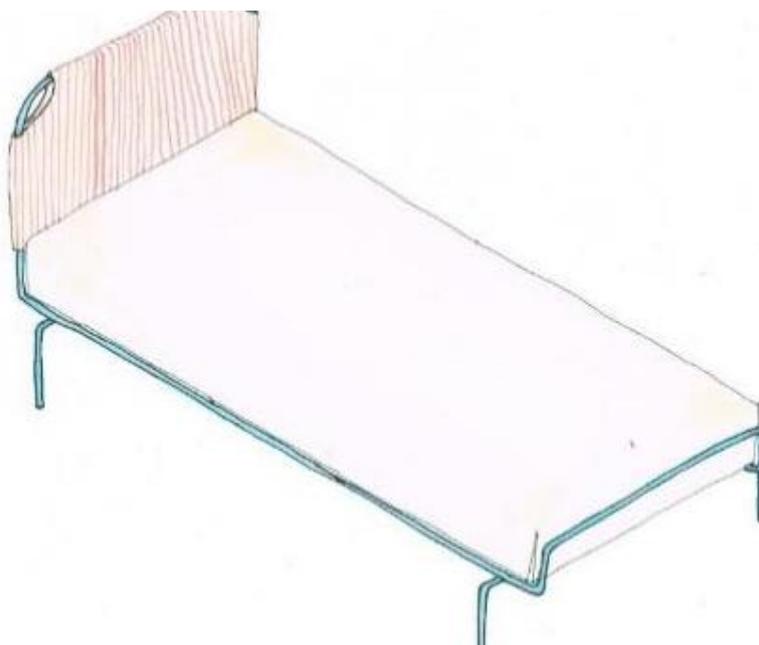


Figura 13 – Cama Casa de vidro
Fonte: Desenho elaborado pelo autor

Dessa forma, se tem a seguir um desenho do Masp e de um banco da parte interna do museu, que assim como a Pousada Pedra Azul percebe-se o banco integrado com a arquitetura e a utilização do concreto já presente em grande parte da edificação.

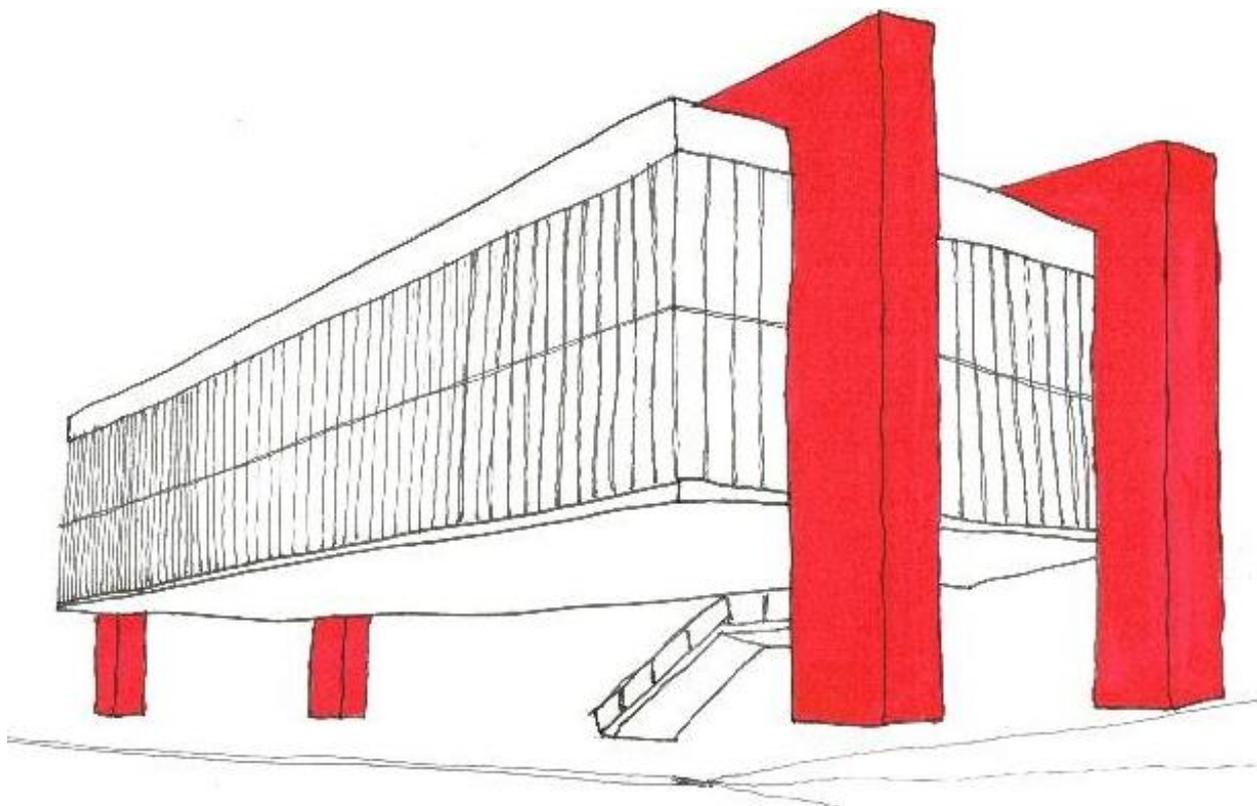


Figura 14 – Desenho Masp
Fonte: Desenho elaborado pelo autor

Conclusão

No desenvolvimento do presente artigo foi possível observar, de forma explícita, na obra do arquiteto Sergio Rodrigues uma relação direta entre a arquitetura e o desenho do mobiliário com predominância da madeira e da utilização das mesmas técnicas construtivas na arquitetura e no projeto dos móveis, inclusive utilizando, muitas vezes, o mesmo maquinário para executar ambos os projetos. Já em Zanine Caldas se percebe a partir da década de 80 que assim como Sergio Rodrigues, em suas obras arquitetônicas, predominava o uso da madeira e este, muitas vezes, introduzia o mobiliário como parte integrante da obra como pode ser visto no banco da Pousada Pedra Azul, porém deve ser evidenciado que Zanine, na década de 50, também trabalhou em uma busca da industrialização, projetando móveis compostos por compensado, tecidos e sistemas de

fixação feitos por parafusos aparentes, a fim de viabilizar a venda para um número maior de pessoas.

O grupo da loja *Branco&Preto* produzia e comercializava móveis desenhados, conforme o ideário moderno, adequados à capacidade de expressar o espaço fluido da planta moderna com uma composição simétrica. E os móveis tinham como principal característica um desenho linear, no qual o volume principal não encostava ao chão e os elementos altos como estantes não encostavam também no teto, com o fim de intensificar um propósito da relação dos espaços em que fossem estes internos nessa busca de transparência nos móveis ou com a parte externa com planos de vidro. Fica nítido ao analisar seus móveis um pleno conhecimento sobre o processo produtivo, por meio da utilização das técnicas de marcenaria tradicional, aspecto que vem se perdendo ao longo dos anos, como o sistema de junção através de taliscas.

Percebe-se que Lina Bo Bardi pensava arquitetura nas diversas escalas e em todos os seus elementos, nas imagens mostradas, fica evidenciado essa coerência na Casa de vidro com o uso da estrutura tubular, que se repete na arquitetura e no caso do Masp, em que temos um banco feito em concreto, material esse que se repete por todo o projeto. No caso do desenho dos móveis, pensados para indústria, assim como a Móveis Z tinha uma preocupação com racionalização na utilização das matérias e dos processos de fabricação pensando em todas as etapas de produção. Percebe-se que na grande maioria dos projetos se priorizava a especificação de itens, que fossem facilmente encontrados no mercado como: a madeira, o compensado, os tubos metálicos e o couro, além de serem mais facilmente manipulados. Fica nítido, também, o claro conhecimento em relação às tecnologias, pois analisando os processos de fabricação dos móveis é possível perceber que as soluções ali adotadas vão além das questões plásticas, mas sendo diretamente ligadas ao processo produtivo e a tecnologia disponível no período.

Após análise dos trabalhos dos profissionais destacados se nota que o móvel era pensado como elemento integrante do projeto e não como um acessório de composição. E que apesar de a matéria-prima disponível para elaboração do mobiliário fosse, muitas vezes, a mesma para todos os profissionais, cada profissional adotou uma linguagem de desenho própria, contribuindo de forma direta para evolução do design de móveis no Brasil.

Referências

- ACAYABA, M. M. **Branco & Preto: uma história de design brasileiro nos anos 50**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.
- AFLALO, Marcelo. **Branco & Preto**. São Paulo: Paralaxe, 2005.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Walter Gropius e a Bauhaus**. São Paulo: Jose Olympio, 2005.
- BASTOS, Maria Aline Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BORGES, Adélia. **Sérgio Rodrigues**. São Paulo: Viana & Mosley, 2007.
- BRAGA, Maria Lúcia; VASCONCELLOS, Marcelo. **Móvel brasileiro moderno**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BRUNA, P.J.V. **Arquitetura, industrialização e desenvolvimento**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- CALDAS, Zanine ; VASCONCELLOS, Marcelo. **Brazilian furniture design/ design brasileiro de móveis**. São Paulo: Olhares, 2013.
- DIAS, Bruno Silva. **Mobiliário e arquitetura moderna brasileira: a contribuição da loja de móveis Branca & Preto (1952 a 1970)**. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013.
- GROPIUS, W. **Bauhaus: nova arquitetura**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- IRIGOYEN, Adriana. **Da Califórnia a São Paulo: referências norte-americanas na casa moderna paulista 1945 e 1953**. 2008. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2008.
- LAWSON, Brian. **Como arquitetos e designers pensam**. São Paulo: Oficina de textos, 2011.
- MELO, Alexandre Penedo Barbosa de. **A identidade dos mobiliários da fábrica de móveis Z produzidos por José Zanine Caldas**. Dissertação Universidade de São Paulo - São Carlos. São Paulo, 2001.
- SANTOS, M.C.L. **Móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 198 p.
- SANTOS, M.C.L. **Sérgio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Icatu, 2000.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SIQUEIRA, Lia; REZENDE Ivan. **Conversas Ilustradas - Sergio Rodrigues**. Rio de Janeiro. Editora +2 produções, 2013. 382p
- SILVA, Suely Ferreira da. **Zanine – Sentir e fazer**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1989. 1 vol. il.
- TOUCEDA, Adriana Marta Irigoyen de. **Da Califórnia a São Paulo: referências norte-americanas na casa moderna paulista – 1945-1960**. 2005. Tese de doutorado ,Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- TOZZI, Lissa Carmona. **De Sergio Rodrigues para Adolpho Bloch**. São Paulo: Olhares. 2014.
- VASCONCELLOS, Marcelo; BRAGA, Maria Lúcia. **Móvel brasileiro moderno**. São Paulo: Aeroplano, 2012.
- XAVIER, Alberto. **Depoimento de uma geração**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

Abstract

This article deals with the work of professionals, who permeated between the development of architecture and furniture projects and the monitoring of their production. Both projects are jointly studied, operating with the hypothesis that there are relations between the solutions adopted in the architecture and in the furniture elaborated by the same professional, it is also approached the way in which one works with the raw material and constructive techniques.

The overall objective is to demonstrate design solutions adopted by professionals who were active in the field of architecture and furniture design and who followed the furniture manufacturing process, thus proving knowledge about the raw material and its construction systems. After exploratory research, it was decided to approach the projects of the architect Sergio Rodrigues, Zanine Caldas, architects of the store: Branco & Preto (Jacob Ruchti, Miguel Forte, Plínio Croce, Roberto Aflalo and Carlos Millan) and the work of the architect Lina Bo Bardi. It is possible to perceive, in the works of these professionals, evidences of relations of the architecture with the furniture and the clear technical knowledge of the materials and the constructive techniques, used in the designs of the furniture.

Keywords

Modern Architecture. Design. Furniture.